



Prof. Dr. André Lucirton Costa, Adrieli L. Dias dos Santos e Paulo Henrique dos S. Grange

O Boletim de Maio/2018 apresentou o Capítulo II do CID 10, no que diz respeito às neoplasias (tumores) que afetam somente ou predominantemente as mulheres, como o câncer de mama, por exemplo, na região de saúde de Ribeirão Preto/SP. O Boletim pode ser acessado no site do CEPER/FUNDACE, pelo link:

https://www.fundace.org.br/ceper_boletins.php.

Neste boletim serão apresentados dados referentes ao capítulo I do CID-10 (Algumas doenças infecciosas e parasitárias), no que diz respeito às causas de doenças sexualmente transmissíveis (DST), na região de saúde de Ribeirão Preto/SP, no período de 2008 até 2017.

Para a elaboração deste boletim, os dados foram coletados a partir das bases do DATASUS (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil), como o SIH/SUS (Sistemas de Informações Hospitalares do SUS) e SIM (Sistema de Informações sobre Mortalidade).

O capítulo 1 do CID-10 aborda as doenças causadas por infecções e parasitas, e para a elaboração deste relatório serão analisadas apenas as doenças de transmissão predominantemente sexual, ou seja, as principais DST. Segundo o grupo de incentivo à vida (GIV), as doenças sexualmente transmissíveis (DST) são doenças causadas por vírus, bactérias ou outros micróbios que se transmitem, principalmente, através das relações sexuais sem o uso de preservativo com uma pessoa que esteja infectada, e geralmente se manifestam por meio de feridas, corrimentos, bolhas ou verrugas. As doenças usadas no estudo e seus respectivos códigos podem ser observados na tabela 1.

TABELA 1		
CAPÍTULO 1	LISTA CID-10	CÓDIGO
ALGUMAS DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS	Sífilis congênita	19
	Sífilis precoce	20
	Outras sífilis	21
	Infecção gonocócica	22
	Doenças por clamídias transmitidas por via sexual	23
	Outras infecções com transmissão predominantemente sexual	24
	Infecções pelo vírus do herpes	33
	Hepatite aguda B	37
	Doença pelo vírus da imunodeficiência humana [HIV	39

Fonte: DATASUS



Prof. Dr. André Lucirton Costa, Adrieli L. Dias dos Santos e Paulo Henrique dos S. Grange

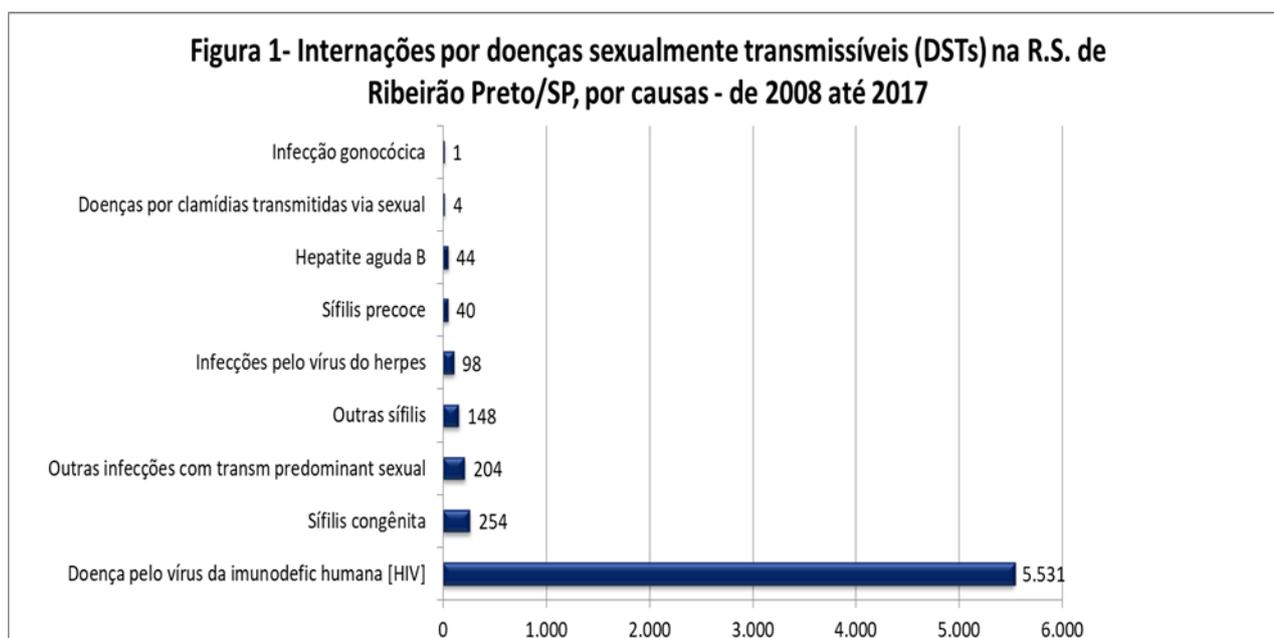
• MORBIDADE HOSPITALAR

Segundo o Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), morbidade hospitalar é o número de internações provocadas por determinada causa ou doença. Aqui serão analisadas as internações decorrentes das doenças sexualmente transmissíveis (DST), que se encontram no capítulo I do CID10 (Algumas doenças infecciosas e parasitárias.)

A figura 1 mostra, em ordem crescente, o número total acumulado de internações por

doenças sexualmente transmissíveis realizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) na região de Ribeirão Preto/SP entre 2008 e 2017.

As doenças provocadas pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) são as que mais provocam internações na região, representando mais de 87% do total, seguidas das sífilis, que juntas, somam 7% das internações. Durante todo o período ocorreram 6.324 internações, um número alto, já que muitas dessas doenças poderiam ser evitadas com maior prevenção.



Fonte: Autoria própria – elaborado com os dados do DATASUS. Julho/2018
<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sih/cnv/nisp.def>

As internações citadas anteriormente foram separadas por gênero e faixa etária, que compreende as idades de menor de 1 a 9 anos, 10 a 19 anos, 20 a 29 anos, 30 a 39 anos, 40 a 49 anos, 50 a 59 anos, e 60 anos e mais. As informações foram separadas em dois tipos de gráficos, figuras 2 e 3, respectivamente.

A figura 2 evidencia que a maior parte das internações por doenças sexualmente transmissíveis na região de saúde de Ribeirão Preto foram de homens (61% do total).



Prof. Dr. André Lucirton Costa, Adrieli L. Dias dos Santos e Paulo Henrique dos S. Grange

Durante o período analisado ocorreram 3.858 internações do sexo masculino contra 2.466 internações do sexo feminino. Uma possível justificativa para o ocorrido é que os homens se previnem menos que as mulheres, e dessa forma, contraem mais doenças.

A figura 3 mostra que as faixas etárias onde mais se concentram os casos de DST são dos 30 a 39 anos e 40 a 49 anos, representando cerca de 30% e 29,4% do total de internações, respectivamente. A terceira faixa etária que chama atenção é dos 50 a 59 anos, que representa aproximadamente 12% das internações. Somente estas três faixas etárias (dos 30 aos 59 anos) somaram durante o período analisado 4.535 internações, número que corresponde a mais de 70% do total de internações por doenças sexualmente transmissíveis na região de Ribeirão Preto.

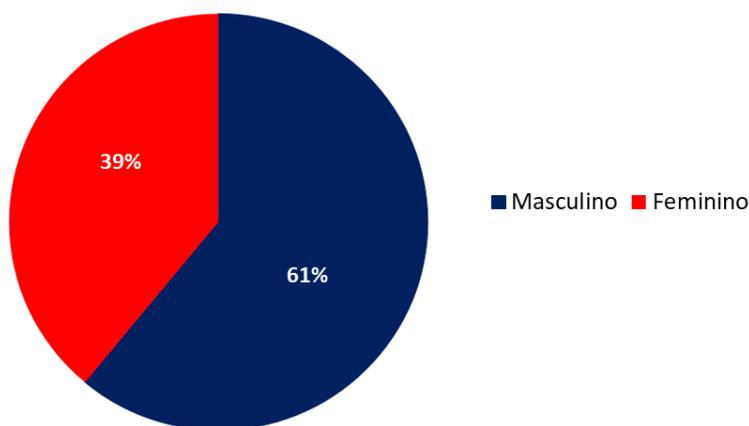
A incidência dessas doenças, principalmente nas faixas intermediárias de idade geram custos e perdas não mensuráveis para a sociedade.

Uma vez que é a fase da vida mais produtiva dos indivíduos, quando estes adoecem, os prejuízos podem ser desde afastamento por alguns dias, até casos em que mudarão hábitos de trabalho e vida, dividindo a atenção com os tratamentos constantes.

Segundo dados do Ministério da Saúde, cerca de 4% a 5% da população acima de 65 anos são portadores do vírus HIV no Brasil. O número de casos da doença entre pessoas acima dos 50 anos dobrou na última década, visto que atualmente cerca de 80% dos adultos entre 50 e 90 anos são sexualmente ativos e carregam o hábito de não usar preservativos. (ESTADÃO, 2017).

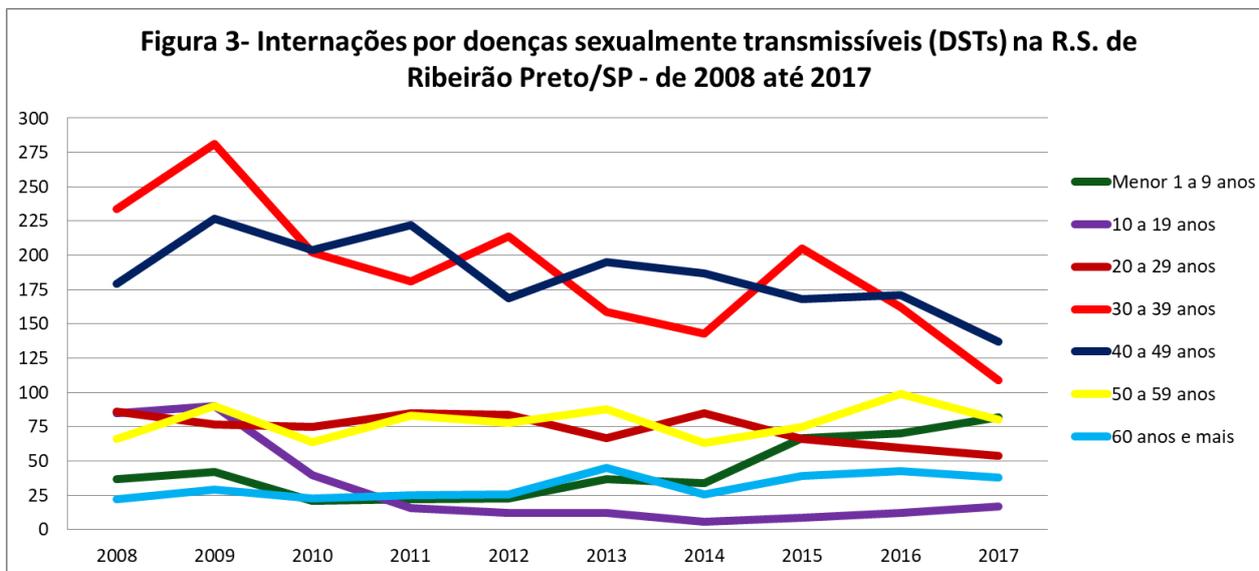
Outro possível fator é a demora do HIV em se manifestar e apresentar complicações passíveis de internação, ou seja, a pessoa vive um tempo com a doença, mas só terá problemas depois de certo tempo, explicando as internações em faixas etárias mais avançadas.

Figura 2- Internações por doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) na R.S. de Ribeirão Preto/SP - Por gênero, de 2008 até 2017





Prof. Dr. André Lucirton Costa, Adrieli L. Dias dos Santos e Paulo Henrique dos S. Grange



Fonte: Autoria própria – elaborado com os dados do DATASUS. Julho/2018
<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?sih/cnv/nisp.def>

Dando continuidade à análise das internações decorrentes de doenças sexualmente transmissíveis na região de saúde de Ribeirão Preto/SP, a figura 4 apresenta os índices de internações nas cidades da região. O índice calculado representa a média anual de casos de internação para cada 10 mil habitantes, ou seja, o número de casos do período foi ajustado pela população e pelos anos.

Os indicadores foram construídos pelas internações e podem estar distorcidos pela alocação dos atendimentos, ou seja, cidades que não possuem hospitais para acolherem pacientes com tais doenças transferem o atendimento para hospitais de outras cidades da região de saúde.

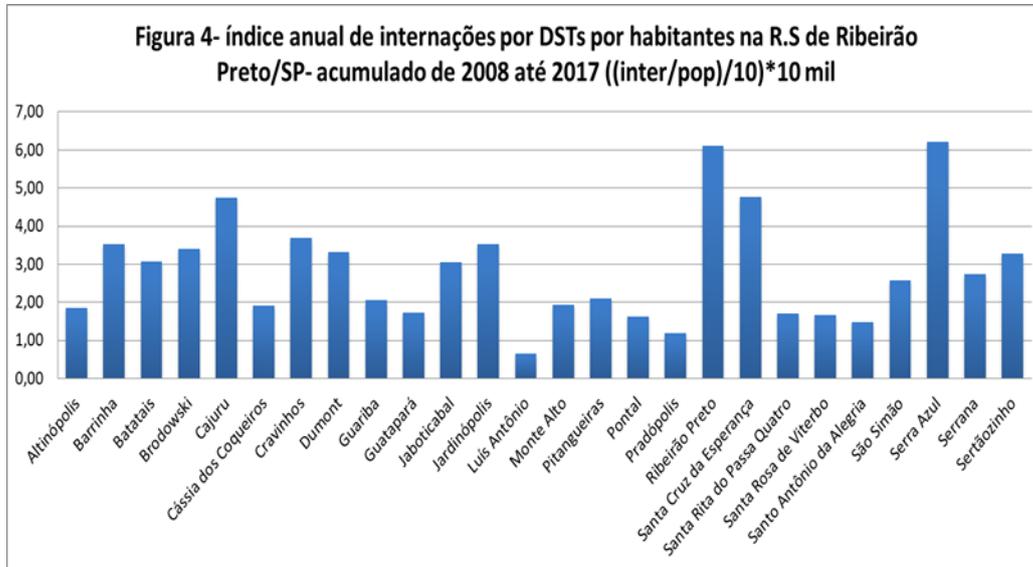
Ribeirão Preto e Serra Azul lideram o ranking das cidades que mais possuem internações provocadas por doenças sexualmente transmissíveis.

Nessas cidades, a cada 10 mil habitantes, aproximadamente 6 pessoas precisam ser internadas por conta de alguma DST anualmente. Tais cidades possuem penitenciárias, e tal fator pode ter agravado o número de casos de DST em Serra Azul e Ribeirão, visto que nas prisões as condições de higiene e saúde são precárias. Outra cidade que chama a atenção é Cajuru, que possui uma média de 4,8 pessoas, a cada 10 mil habitantes, internadas por DST a cada ano.

Esses números são alarmantes, visto que as doenças sexualmente transmissíveis são preveníveis com o uso de preservativos masculinos ou femininos, e campanhas de distribuição desses métodos e conscientização da população diminuiriam esse quadro.



Prof. Dr. André Lucirton Costa, Adrieli L. Dias dos Santos e Paulo Henrique dos S. Grange



Fonte: Autoria própria – elaborado com os dados do DATASUS. Julho/2018
<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sih/cnv/nisp.def>

• MORTALIDADE

Os dados sobre mortalidade são referentes ao mesmo tema, Doenças Sexualmente Transmissíveis, já indicadas na Tabela 1. As informações são dos anos de 2008 a 2017 e foram retiradas do SIM (Sistema de Informações sobre Mortalidade).

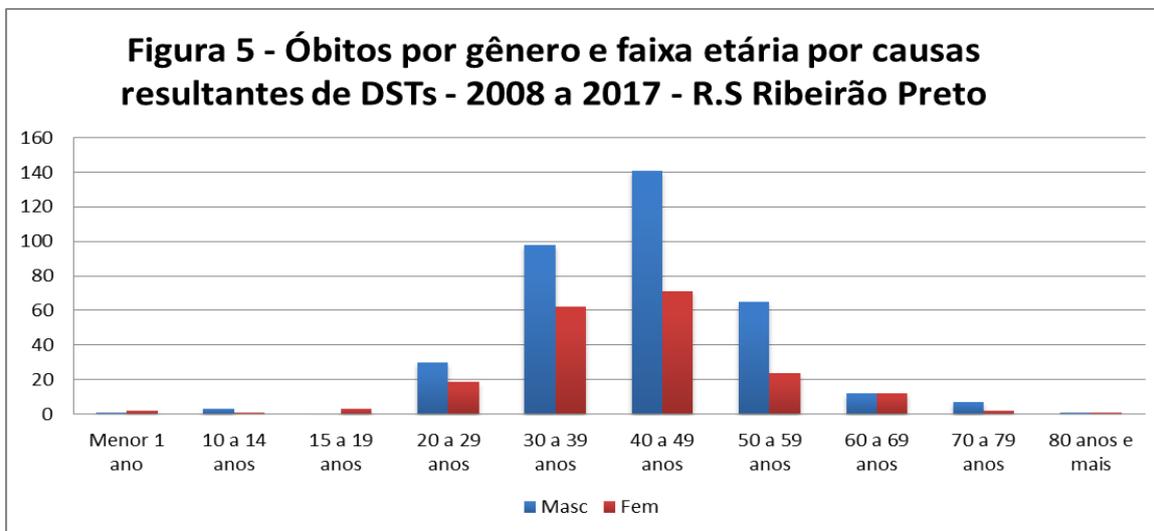
A figura 5 mostra os casos de óbitos oriundos das DST em estudo. É reflexo esperado da situação apresentada anteriormente na figura 3, em que a maior incidência das internações está nas faixas etárias intermediárias.

A diferença entre óbitos de homens e mulheres também acompanha o fato de mais homens serem afetados pelas doenças.

Durante o período de 10 anos analisados, foram contabilizados 555 óbitos, sendo 65% entre homens e 35% no grupo das mulheres. A doença mais grave entre estas e que causa maior impacto nos números é a AIDS, causada pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV). A situação fica clara ao selecionar o ano passado, 2017, em que das 37 mortes por DST, 33 foram por condições causadas por doenças relacionadas ao vírus do HIV.



Prof. Dr. André Lucirton Costa, Adrieli L. Dias dos Santos e Paulo Henrique dos S. Grange



Fonte: Autoria própria – elaborado com os dados do DATASUS. Julho/2018
<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?sih/cnv/nisp.def>

Já na figura 6 é possível observar a linha temporal do total de óbitos pelas DST. A figura representa o mesmo período, de 2008 a 2017, e estão incluídos ali os 555 óbitos. Nota-se redução ou tendência em diminuição de mortalidade.

Esse comportamento pode estar relacionado a melhorias dos tratamentos, ou detecções com diagnósticos em estágios mais precoces das doenças.



Fonte: Autoria própria – elaborado com os dados do DATASUS. Julho/2018
<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?sih/cnv/nisp.def>



• CONCLUSÕES

Em todo o período analisado (2008 até 2017) houve um total de 6.324 internações, que totalizaram para o Sistema único de Saúde (SUS) um valor médico-hospitalar de R\$10.810.440,55. Os gastos com a doença pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) representam 96,2% desse valor, custando para o SUS aproximadamente R\$10.400.000,00, entre 2008 e 2017, na região de saúde de Ribeirão Preto. O impacto vai além da carga no sistema de saúde, atingindo a produtividade e o desempenho da economia. Pacientes precisam por vezes de afastamentos nos empregos para tratamentos temporários ou permanentes, dependendo da doença que o atinge. Como já foi dito anteriormente, são valores altos para as prefeituras e toda a sociedade, visto que tais doenças podem ser evitadas.

No Brasil e no mundo os casos de doenças sexualmente transmissíveis só aumentam, as pessoas negligenciam tais doenças e não se previnem. “Diante da facilidade de se fazer o exame e do baixo custo do tratamento, a situação beira o absurdo”, afirma a médica Cláudia Jacyntho, Ph.D. em tocoginecologia pela Unicamp. (Revista Abril: Doenças sexualmente transmissíveis não param de crescer- 2018)

Outro fator que contribui para a proliferação das DST é que algumas pessoas, como os jovens e até mesmo adultos e idosos, subjugam o risco e imaginam que jamais serão vítimas de alguma DST, as enxergando como algo distante e de pessoas promíscuas, o que vai de contramão com recomendações médicas e pesquisas sobre o assunto.

Segundo o ginecologista Mauro Romero, presidente da Sociedade Brasileira de DST “Qualquer pessoa sexualmente ativa, independentemente de faixa etária, classe social ou opção sexual, pode contrair uma DST. Basta praticar sexo inseguro”. Ainda assim, tudo leva a crer que a população em geral “baixou a guarda” contra os males que se aproveitam do sexo desprotegido. Um levantamento do próprio ministério de 2009 calculou que aproximadamente 10 milhões de brasileiros já apresentaram sintomas de uma DST, como lesões, verrugas e corrimentos nos órgãos genitais.

É importante lembrar que as DST não são transmitidas exclusivamente pela ação sexual. Há também o contágio por contato com sangue e materiais contaminados, compartilhamento de seringas e agulhas relacionadas com drogas injetáveis, além da transmissão parental, que é quando a mãe infectada sem tratamento pode transmitir para o bebê durante a gravidez ou o parto. Por isso, a informação é muito importante para diminuir a transmissão destas doenças. (Secretária de Saúde – SP).

Medidas de profilaxia são o modo mais eficiente de combater as doenças sexualmente transmissíveis. A informação disseminada, o acesso a preservativos, medidas de redução de danos como seringas descartáveis para as populações mais vulneráveis, e atendimento em saúde às pessoas reclusas em unidades prisionais são ações positivas que podem ser adotadas ou incentivadas por gestores.